



PSICOLOGIA, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A NATUREZA HUMANA E O SENTIDO EXISTENCIAL^{1*}

PSYCHOLOGY, RELIGION AND SPIRITUALITY: CONSIDERATIONS ABOUT HUMAN NATURE AND THE EXISTENTIAL DIRECTION

Paulo Rogério da Motta²; Prof. Dr. Armando Rocha Júnior³

RESUMO: A psicologia tem procurado investigar a atuação do homem considerando as suas reações, a sua neurofisiologia, seu modo de pensar, sua capacidade de cognição, a percepção do mundo à sua volta, seus complexos como as neuroses e psicoses, suas relações sociais e muito poderia ser citado como campo de estudo e tal amplitude de investigação se deve ao fato de que o homem e a sua natureza são os objetos de estudo da psicologia. A espiritualidade influencia a percepção e a significação do que é apreendido pelo ser humano, bem como suas motivações, pensamentos e emoções. A espiritualidade sendo um importante fator de configuração da personalidade deveria ser um aspecto da natureza humana assim como são os aspectos biológicos, psíquicos e sociais. A psicologia deve estudar o homem em sua totalidade e a religiosidade é manifestação da espiritualidade e é um rico campo de investigação desse aspecto da natureza humana.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Espiritualidade. Religiosidade. Natureza Humana.

ABSTRACT: *The psychology has sought to investigate the actions of man considering his reactions, his neurophysiology his thinking, his ability of cognition, perception of the world around him, his complexes as neuroses and psychoses, his social relations and much could be used as a field of study and this scale of investigation is due to the fact that man and his nature are the objects of study in psychology. The spirituality influences perception and meaning of what is perceived by humans as well as his motivations, thoughts and emotions. The spirituality is an important factor configuration of personality should be an aspect of human nature so well as aspects biological, psychological and social. The Psychology must study man as a whole and the religiosity is a manifestation of the spirituality and is a rich field of investigation of this aspect of human nature.*

KEYWORDS: *Psychology. Spirituality. Religiosity. Human Nature.*

* Artigo adaptado do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, relativo ao término da graduação em Psicologia, na Universidade de Guarulhos, em 2010.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Guarulhos e Instrutor da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI)

² Professor-Doutor do Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos e orientador



A ESPIRITUALIDADE

O dualismo corpo e alma

O estudo da alma humana ou da verdadeira natureza essencial humana tem sua origem nas tradições milenares orientais, esteve presente na antiga filosofia grega e alcançou a Europa no século XIX, data também do surgimento da psicologia (NOVAES, 2003).

O dualismo corpo-alma atribuído a Platão (século IV a.C.) parte da concepção de que no começo de tudo havia as ideias numa divindade incorpórea e eterna e então protótipos ou formas ideais caíram na matéria e então se deu a composição do universo. Na filosofia moderna, Renè Descartes estabeleceu uma oposição entre “a coisa pensante” (o espírito ou a alma) e a “coisa estendida” (a matéria, o corpo) que culminou num dualismo e o corpo passou a ser visto como uma máquina sofisticada que se une inexplicavelmente à mente (LEPARGNEUR, 1994).

A ciência moderna fez da razão consciente aquela que determinava a sua conduta, porém a concepção de inconsciente fez com que fosse necessário um movimento de transformação em sua forma de ser e agora uma nova revolução se faz necessária: a de não mais se negligenciar o espírito do homem (FABRY, 1984).

A teoria científica e o dogma religioso são exemplos da incompatibilidade da ciência com o espiritual. O racionalismo científico acaba por ser um ótimo argumento que satisfaz os que buscam o entendimento somente pelo intelectualismo, pois a teoria científica é estritamente racional, ao passo que o dogma religioso em sua imagem é irracional. O dogma religioso constitui uma expressão da alma e a teoria científica é elaborada exclusi-

vamente pela consciência (JUNG, 1978).

A cultura ocidental de maneira trágica ocasionou a ideia de separação de corpo e alma que, por fim, fez surgir de um lado uma cultura materialista baseada exclusivamente no corpo e do outro lado uma cultura espiritualista baseada exclusivamente no espírito e ao que é subjetivo. (BOFF, 2002).

A ciência no ocidente procura representar o papel da consciência, porém a sabedoria oriental não pode ser menosprezada, pois esta se baseia no conhecimento prático. A conciliação do pensamento ocidental e do pensamento oriental propiciaria uma visão mais ampla do homem que deixaria de ser concebido como produto de uma evolução accidental ou como fruto de uma criação divina (ERTHAL, 2004).

A redução do homem a uma máquina que atua na vida por meio de reflexos condicionados ocasiona o perigo das ciências biológicas enxergarem o homem como um ser programado por sua estrutura genética e determinado por suas funções fisiológicas, ou então as ciências sociais terem o homem como o resultado de manipulações sociais e econômicas, ou ainda a psicologia conceber o homem como produto de processos de condicionamento e uma peça manipulada por impulsos e instintos (FABRY, 1984).

O homem é visto e estudado através de linhas de pensamento, mas a visão dirigida ao homem de maneira fragmentada culmina por negligenciar a unidade e plenitude de sua natureza (ERTHAL, 2004).

Durante muito tempo a alma foi tida como produto do corpo e a psicologia, em concordância com a medicina, deu ênfase ao fisiológico e ao corpo como causa e, portanto, objeto exclusivo de investigação e foi restrin-



gida qualquer visão espiritualizada. À religião cabia lidar com a subjetividade da natureza espiritual do ser humano e as religiões sofriram a influência dos dogmas propiciando a ignorância e a fé cega (NOVAES, 2003).

O espiritual

O Espírito (*spiritus, pneuma*) em seu caráter arquetípico que significa ar, vento, respiração são agentes dinâmicos que movem o ser humano e utilizando a alusão do vento é possível se dizer que penetram o homem como acontece na respiração e o infla (JUNG, 1983).

A espiritualidade está presente na busca de Deus ou do sagrado pelo homem, mas ela não se encerra somente nesta busca. A espiritualidade é encontrada em qualquer movimento em que o homem busque superar a si mesmo ou obstáculos em sua vida e nestas buscas o homem procura a transcendência de si mesmo e da sua condição existencial (ANGERAMI-CAMON, 2004).

O espírito humano existe em todos os homens e isso independe dele acreditar ou não na sua existência. O espírito humano na logoterapia é concebido como uma dimensão “noética” e esta dimensão inclui atributos como: objetivo, ideias, ideais, criatividade, imaginação, fé, a busca de sentido da vida, o amor que transcende os sentidos físicos, a possibilidade de transcender a si mesmo, o livre-arbítrio, responsabilidades, comprometer-se, senso de humor e até a imaginação e a consciência que vai além do superego (FABRY, 1984).

Sharp (1993) fala que na psicologia junguiana o espírito é concebido, assim como Deus, como um objeto da experiência psíqui-

ca e que o espírito não pode ser provado e nem compreendido no mundo exterior.

A ideia do que é “espiritual” deve ser ampliada e ir além das verdades religiosas ou concepções teológicas. A espiritualidade deve conter em si toda e qualquer manifestação da vida e tudo o que dá a cada coisa na natureza a sua qualidade essencial (ERTHAL, 2004).

Enfoques religiosos

A religiosidade propicia que o indivíduo se dirija a Deus e o diálogo íntimo com Deus é um diálogo que compreende o contato consigo mesmo e o homem que é teísta colocará Deus como um parceiro em seu diálogo e o homem ateu considerará que essa conversa íntima é uma conversa com o próprio eu (FRANKL, 2009).

A tradição hindu provém historicamente do período védico e em sua origem os *Vedas* eram a literatura oral transmitida de professor para o discípulo. O Bhagavad Gita e todos os seus personagens são representações de qualidades físicas e psicológicas. O diálogo entre Arjuna (ego) que é um poderoso guerreiro e Krishna que é seu condutor, mestre espiritual e também uma encarnação do próprio Deus (*Self*) (FADIMAN; FRAGER, 1979).

O espiritismo diz que há no homem um princípio inteligente que é a alma ou espírito e que este princípio independe da matéria e que é ele que dá o senso moral e a faculdade de pensar. O espiritismo argumenta que se o pensamento fosse propriedade da matéria então a matéria bruta e inerte teria a capacidade de pensar (KARDEC, 2004).

Nos textos bíblicos do judeu-cristianismo, Deus criou a matéria e o espírito e con-



jugou ambos no ser humano e o homem foi concebido como unidade psicossomática criada à imagem de Deus. O complexo humano se visto como uma tríade na bíblia hebraica pode ser elaborada tendo o corpo como *bâssâr* (em grego *soma* ou *sarx* que é carne); a alma e princípio vital como *nefesh* (*psychè* em grego); e *neshamá* como princípio da vida espiritual (*pneuma* em grego) (LEPARGNEUR, 1994).

Cinco partes constituem a alma segundo o misticismo judaico: *Nefesh*, que garante a possibilidade da vida ao animar o corpo físico; *Ruach* que é aliado às atividades físicas como a comunicação, criatividade, afetividade, relacionamento, sonhos e imaginação; *Neshamá* que é responsável pela experiência espiritual e também pela função mental; e *Chaiá* e *lechidá* que são tidos como transpessoais e que transcendem a personalidade, mas que, ainda assim, refere-se à individualidade (SENDER, 2001).

No cristianismo através do Novo Testamento, especificamente na *Primeira Carta aos Tessalonicenses*, São Paulo fala da unidade do homem através da trilogia: soma, psique e pneuma ou corpo, mente e espírito (LEPARGNEUR, 1994).

O budismo coloca três características principais da existência humana: a temporalidade, o desprendimento e a insatisfação. A temporalidade indica que nada é permanente, que tudo está em permanente mudança. O desprendimento indica que o ser humano é um conjunto de atributos: intelecto, emoções e corpo, e que todos são temporais, ou seja, o corpo e a personalidade são componentes mortais e em constante mudança. A insatisfação ou sofrimento indica que o problema básico do ser humano não é externo, mas que

repousa num *self* limitado que propicia apenas uma consciência relativa das coisas e a proposta budista é de auxiliar o indivíduo a mudar e transcender o seu egoísmo e limitação (FADIMAN; FRAGER, 1979).

No budismo tibetano há uma interessante metáfora que descreve o funcionamento do ego que é a dos “Três Senhores do Materialismo”. São eles: o “Senhor da Forma”, que se refere à busca incessante e neurótica do conforto físico, da segurança e do prazer; o “Senhor da Fala” que promove a utilização do intelecto nas relações do homem com o mundo à sua volta e indica a propensão do ego a neutralizar ameaças que possam na visão do ego, colocar em risco a sua ideia de “eu” e a solidificação das coisas é um meio para isso; e o “Senhor da Mente”, que através do esforço da consciência procura preservar a percepção de si mesma e acaba por imperar quando o homem utiliza as disciplinas espirituais e psicológicas e, assim, o ego converte tudo de acordo com a sua conveniência, até a própria espiritualidade (TRUNGPA, 1973).

O Sufismo geralmente é descrito pelos historiadores como o cerne místico do Islamismo. O Islamismo é o sistema religioso baseado no Alcorão e Al-Ghazzali, uma das figuras mais importantes na teologia islâmica, diz que o corpo deve ser considerado como o carregador e a alma como o viajante (FADIMAN; FRAGER, 1979).

Enfoques psicológicos

Segundo Netto (1974), a expressão “Psicologia” tem origem nas palavras gregas “psyché” que pode ser traduzida como “alma ou espírito” e “logos” que pode ser entendida como “compreensão, entendimento, concepção”.



Uma visão materialista da psicologia faz com que esta oriente seu estudo para o que é anormal ou patológico e não tenha como foco o que é supranormal e uma análise do Jesus Cristo histórico o faria ser diagnosticado dentre desse padrão e as alucinações e complexos o enquadrariam em alguma psicopatologia (ERTHAL, 2004).

Sharp (1993) fala que na psicologia junguiana há cautela ao fazer a distinção de espírito como conceito psicológico e o espírito tradicionalmente usado nas religiões e o que for concernente ao espírito é mais apropriado falar de uma consciência superior, ao invés de se falar do inconsciente.

A consciência comum pode não expressar a verdade nos assuntos que dizem respeito à alma porque estes ultrapassam o pensamento comum, ou seja, os assuntos da alma transcendem a consciência humana comum (JUNG, 1979).

A transcendência da consciência indica que ela é mais do que o eu pessoal e o homem descrente do espiritual ou irreligioso é alguém que apenas negligencia a transcendência e busca o sentido da existência nos limites da consciência, ao passo que o homem que considera a espiritualidade como um aspecto de sua natureza ou o homem religioso procura o sentido da vida considerando e aceitando a transcendência da consciência (FRANKL, 2009).

O principal enfoque das teorias orientais da personalidade como o Zen-budismo, loga e Sufismo, é o do crescimento transpessoal e negligenciar essa dimensão seria tão insensato por aqueles que estudam a personalidade como seria o de se ignorar a psicopatologia e o fato da psicologia dedicar maior esforço à compreensão da doença humana

do que à transcendência humana é mais um sinal de imaturidade do que de sofisticação (FADIMAN; FRAGER, 1979).

A logoterapia em seu conceito de dimensão noética diz que esta dimensão não adoece, mas nela pode se originar as doenças e os sintomas serão sentidos no plano físico ou psicológico e que a conscientização do homem dessa dimensão noética proporciona-lhe força para se tornar agente de cura e sair do papel de vítima que se encontra indefesa frente ao seu destino biológico, psicológico ou social (FABRY, 1984).

A NATUREZA HUMANA

O homem como ser espiritual e a religiosidade como manifestação da espiritualidade

Boff (2002) fala da unidade complexa corpo-alma e concebe que corpo e alma não são duas realidades e sim, duas dimensões do único e complexo ser humano e não cabe a dissociação em tal constituição, pois o homem “é” em todo o tempo corpo e alma e não um ser que “tem” corpo e alma.

Grande parte das culturas e sociedades no transcorrer da história foi profundamente religiosa e as experiências religiosas eram valorizadas e apoiadas pelos sistemas de valores vigentes (FADIMAN; FRAGER, 1979).

Se forem excluídas as atividades culturais diretamente associadas à sobrevivência poderia se dizer que a religião é a mais antiga atividade cultural e pode ser definida como o vínculo do mundo profano ao mundo sagrado, ou seja, a religião liga o humano ao sagrado (CHAUI, 2003).

A religião é uma atitude do espírito humano e faz com que o homem considere fato-



res, tais como ideias, leis e presenças em seu mundo interior devido às suas experiências e estes fatores passam a conter o significado de algo poderoso que deve ser adorado ou temido. A religião pode ser entendida não só como o meio para exercício da fé, mas sim, como a experiência com o que é numinoso que resulte em alguma modificação do consciente (JUNG, 1978).

A religiosidade vem a ser a busca da transcendência para que o homem vivencie a sua espiritualidade. A religiosidade faz com que o homem reflita sobre quem é e sobre quem deve ser e com que busque significado para a sua existência para além do significado que pode conter o mundo objetivo. (ANGERAMI-CAMON, 2004).

A religiosidade para ser exercida de forma plena, muitas vezes, terá que desconsiderar o empirismo, pois este e a fé podem ficar em posições opostas. A teologia, por exemplo, quando expressa algum valor para o indivíduo culmina por ter valor em sua vida concreta e aqui não se discute a veracidade contida na teologia, mas sim que há que se reconhecer a sua presença e influência (JAMES, 1985).

A religião é concreta, pois possui credo, moral, teologia, ritos, enfim, é algo que pode ser externalizado e vivido exteriormente e, por outro lado, a fé é um encontro vivo com Deus, com o sagrado (BOFF, 2002).

A religiosidade é algo que constantemente está presente nas psicoterapias, pois ela faz parte da vida do cliente e para o psicoterapeuta isto é conteúdo que precisa ser aceito e compreendido de acordo com a percepção e valor dado pelo cliente, pois se assim não for o homem que é seguidor de uma religião poderá ser visto como um alienado e

a religiosidade como algo indevido (ANGERAMI-CAMON, 2004).

A relevância não está em se provar ou não a existência de Deus, mas o homem que vivencia, em sua concepção, a presença divina trata a sua experiência de forma pragmática e tal ocorrência não cabe nas limitações do racionalismo puro e a atitude racionalista fará com que se fechem os olhos diante do vivido e vivenciado pelo homem (JAMES, 1985).

As religiões são sistemas psicoterapêuticos, pois assim como os psicoterapeutas procuram curar o sofrimento da mente humana, do espírito humano, da psique, também as religiões procuram a mesma coisa e, desta forma, Deus pode ser visto como um agente de cura e que trata dos problemas do espírito (JUNG, 1983).

Psicologia e religião

A religião como fenômeno social e histórico é algo que faz parte da expressão humana e é um tema de grande importância para muitas pessoas e a psicologia ao se ocupar com a estrutura da personalidade do ser humano não pode menosprezar a sua presença e importância (JUNG, 1978).

Ao psicoterapeuta cabe-lhe o papel de ser psicoterapeuta e não um sacerdote e há que se ter cuidado com isso, pois as intenções da psicoterapia e da religião não são as mesmas; a primeira tem a sua autonomia na ciência e a segunda baseia-se na teologia. A psicoterapia procura a cura da alma, ao passo que a religião busca a salvação da alma (FRANKL, 2009).

A experiência religiosa é algo indiscutível para aquele que a teve e contém forte significado, o que a coloca com legitimida-



de como algo importante na vida da pessoa. Uma experiência que dá significado e transforma a maneira como o indivíduo concebe a vida precisa ser considerada como válida e a experiência religiosa não pode ser discutida pela crença ou descrença, ou seja, a questão, mais do que a fé, é a vivência de algo pela experiência (JUNG, 1978).

PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Explorando a natureza espiritual humana

O que faz o homem ser diferente de qualquer outra criatura é o fato dele ser “pessoa” e isto pode ser mais bem dito enxergando o homem como um ser em constante processo de “poder tornar-se pessoa”, pois, desta maneira, surge a possibilidade e liberdade de tornar-se o tipo de homem que se quer ser e que enseja a ideia da formação em andamento (CALLUF, 1976).

O homem movido por sua espiritualidade procura um mundo que está além da percepção comum do ego e este mundo é uma realidade psicológica que abriga as concepções humanas de alma e de espírito (JOHNSON, 1987).

A natureza espiritual do ser humano permite que ele dê sentido a tudo com o qual tenha contato e estabeleça símbolos para as coisas e, assim, o homem dá significado ao que apreende na sua vida (ANGERAMI-CAMON, 2004).

Mais do que impulsos e instintos o ser humano possui a liberdade e a possibilidade de fazer escolhas é que o faz singular diante de todas as outras formas de vida. O homem conquistou em sua evolução o desenvolvimento de seu intelecto e ultrapassou a delimitação do instinto que está abaixo do limiar

da consciência e o intelecto humano avança em sua evolução e outras energias se desenvolvem no ser humano como, por exemplo, a intuição. O entendimento do homem deve ultrapassar a visão e associação do homem com uma máquina, pois não há explicação para aqueles que ultrapassam a semelhança do que é produzido em série como, por exemplo, Leonardo da Vinci, Einstein e Shakespeare (ERTHAL, 2004).

A totalidade do ser humano pode ser entendida como sendo constituída de corpo, mente e espírito e este último pode ser obstruído por enfermidades físicas e psíquicas. A forma de ser e atuar na vida faz com que o ser humano seja mais do que um animal, pois nele há essa dimensão espiritual e ela confere ao ser humano a dimensão da liberdade, pois ele pode escolher que tipo de pessoa quer ser e que pode vir a ser, ou seja, o ser humano confere a si o direito de fazer escolhas que deem significado à sua própria existência e assim ganha a oportunidade de transformar-se. (FABRY, 1984).

Relações do que é espiritual com o que é psicológico

A alma é hoje desconsiderada no meio acadêmico e é tida como alucinação e sua existência é apenas testemunhada por místicos que são pessoas vistas como portadoras de patologias e que vivem à margem da realidade. A alma é desacreditada por não ser encontrada no corpo humano e, por isso, é tratada como superstição ou mecanismo de defesa. A alma é tida como ficção (ERTHAL, 2004).

Nos consultórios de psicólogos e psiquiatras, espaço onde as almas são analisa-



das, os fenômenos transcendentais são materiais trazidos pelas pessoas. A espiritualidade é algo que seria benéfico nas relações humanas, pois permite que o espírito seja percebido e que a alma humana se manifeste propiciando o conhecimento de si mesma, por isso, a psicologia precisa da espiritualidade, pois, é dessa forma, que o indivíduo tenderá à organização e totalidade e poderá, por fim, lidar com a espiritualidade da alma e com a materialidade do corpo (NOVAES, 2003).

O homem atualmente carece de uma maior consciência de si mesmo, pois se acostumou com as superficialidades e com o funcionamento mecânico da natureza e vive uma desarmonia entre alma e personalidade. Cabe à psicologia o papel de auxiliadora do homem no conhecimento integral de si mesmo e isso só é pleno quando acontece a integração de todos os aspectos que compõem a natureza humana (ERTHAL, 2004).

A mente causa impacto sobre o corpo e exemplo disso é a dificuldade de se curar um doente que não deseja ser curado, seja por masoquismo, seja pelos benefícios decorrentes de se ser alguém doente e, dessa forma, pode-se dizer que o poder da fé é o placebo da alma, A fé pode ser entendida como uma convicção psicológica e pode ser algo que cura ou que pode perturbar o organismo e/ou a mente. O poder curador da fé, assim, remete ao poder da mente sobre o corpo permeado pela alma (LEPARGNEUR, 1994).

As neuroses estão relacionadas com o mundo interior do ser humano e uma concepção materialista não terá grande utilidade, pois se o sintoma é de natureza psíquica e a psique for entendida como produto de processos cerebrais, então toda causa terá que, necessariamente, ser orgânica ou física. A

neurose tendo uma causa psíquica poderá fazer com que o indivíduo, mesmo que confie no profissional que o atenda, adote uma postura inibida na confissão da sua enfermidade porque se verá como alvo da opinião do profissional (JUNG, 1978).

Três considerações sobre a alma estão presentes na psicologia junguiana: a de que a alma não é superstição nem figura de retórica; de que a alma é uma realidade psicológica; e que a alma é vivida psiquicamente de maneira inconsciente, pois se encontra além das fronteiras do ego, mas, apesar de viver no inconsciente, a alma é quem media o ego e o inconsciente, pois é ela quem recebe e transmite as imagens do inconsciente para o consciente (JOHNSON, 1987).

A psicologia deu um grande passo na descoberta do inconsciente com Freud e agora se faz necessária uma nova elaboração da consciência e dos seus limites (ERTHAL, 2004).

A concepção de uma espiritualidade inconsciente presente no ser humano indica que há uma imanente busca de Deus, embora, muitas vezes, tal busca permaneça latente, ou seja, há no homem um eu - espiritual e, ao mesmo tempo, indica que há nele uma religiosidade inconsciente. O Deus oculto presente no texto bíblico vem a ser a expressão de um Deus inconsciente no ser humano. Considerando a existência de uma religiosidade inconsciente há que se considerar também que, por ser inconsciente, pode se tornar patogênica (FRANKL, 2009).

A psicoterapia é mais do que um processo que busca a cura de sintomas, ela consiste na promoção do autoconhecimento e do autodesenvolvimento e isto pode ser compreendido como espiritualidade (ANGERAMICAMON, 2004).



A logoterapia lida com a ideia de que quando o homem ignora a sua dimensão espiritual ele passa a sentir um mal-estar, uma sensação de vazio e a vida é então vista como não tendo significado. Assim, a saúde é relacionada ao significado e não cabe ao terapeuta instituir um significado na vida de seu paciente, mas sim permitir que ele descubra o seu próprio significado da vida tendo como premissa as suas próprias referências (FABRY, 1984).

O meio acadêmico habilita o profissional de psicologia a atuar diante de neuroses, psicoses, complexos e mecanismos de defesa, bem como entender o funcionamento mecânico do que é físico e avaliar processos que envolvam o pensamento e as suas reações, mas a unidade que dá coesão a tudo isso que é a “alma” é desconsiderada e a plenitude do ser humano é tratada de forma materialista (ERTHAL, 2004).

O reducionismo do homem a um ser biológico movido por forças psicológicas e sociais deve ser evitado, pois a dimensão humana permite-lhe apreciar a arte, experienciar a religião, ter o anseio pela verdade, buscar um significado para a própria existência e conceber o mundo em conformidade com a percepção que ele tem do mundo. Hoje o homem vive um momento difícil e relevante, pois conferir um sentido à sua existência é algo que compete ao próprio homem que já não aceita passivamente imposições que outrora eram feitas pela Igreja ou instituições, pelo Estado e pela família e a busca do significado da vida não pode ser imposto, desta feita, pelas autoridades científicas. A autoridade para a busca do significado de sua própria vida deve advir de uma autoridade autoimposta e a situação atual faz com que o homem sintam-se aban-

donado, desprotegido e angustiado, pois não se sente preparado para assumir a missão de buscar o significado de sua própria existência (FABRY, 1984).

O vazio existencial e a busca de novos valores

Conceber o homem como um ser psicofísico representa enxergá-lo somente como um ser pessoal, mas há que se considerar o homem em uma dimensão mais profunda e concebê-lo como um ser espiritual existencial (FRANKL, 2009).

O homem tem uma busca que é incessante: o sentido da vida. O ser humano configura a sua existência na direção da realização e na transcendência de si mesmo e essas buscas são orientadas pela sua consciência. A atualidade é permeada pela angústia humana que pode ser dita como a “angústia do nada” que é o temor da ausência de sentido do que lhe é exterior (ERTHAL, 2004).

Mais do que uma adaptação o homem atual precisa assumir uma responsabilidade individual. Mais do que observar os traumas do passado, o homem necessita conquistar força para lidar com as tensões do presente e com as tarefas do futuro (FABRY, 1984).

Hoje o homem, especialmente o ocidental, não encontra um contexto favorável para abrir-se à aspiração espiritual, pois o materialismo é vivido intensamente e o ego fica concentrado na busca e aquisições que o contexto impõe (JOHNSON, 1987).

A aspiração espiritual é uma presença constante na vida do ser humano, mesmo que não seja percebida ou associada com a sua natureza humana. O amor romântico é fruto dessa aspiração espiritual, pois o ho-



mem que se encontra apaixonado investe na pessoa, que é objeto de sua paixão, o simbolismo do que é transcendente e de alguém que lhe completa e faz com que ele se sinta pleno, nobre, realizado e que, por fim, traz um sentido e significado à sua existência com a possibilidade de fazê-lo feliz. O que se busca e se vivencia no amor romântico é o mesmo que é buscado e vivenciado na realidade espiritual, mas o amor romântico não consegue suprir à aspiração de espiritualidade no homem, porém, ainda assim, é uma vivência da espiritualidade que traz conteúdos do inconsciente (JOHNSON, 1987).

O homem busca mais do que prazer e poder em sua vida, ele busca um sentido e se ele se sente frustrado diante dessa busca do sentido ele sente em si um vazio interior, um vazio existencial. Na percepção da gestalt o sentido da vida seria a figura e o fundo seria a realidade. Não há como se prescrever um sentido da vida para um paciente, mas há como encorajá-lo de que há sentido em cada situação da vida (FRANKL, 2009).

Considerações Finais

É possível entender que a espiritualidade é parte integrante da natureza humana e que tem importante presença no modo como o ser humano percebe e apreende o mundo, além de ser também forma de expressão diante desse mundo, tendo como exemplo para tal, a religiosidade. A alma desperta o interesse humano e seu estudo atualmente ultrapassa os limites da religião e da filosofia e alcança a ciência.

A unidade do ser humano foi fragmentada e corpo e alma se tornaram pólos opostos em associação com a ideia da existência do

antagonismo entre o que é material e o que é espiritual. O estudo do que é material, concreto e objetivo trouxe à ciência a concepção de não validade para o que é espiritual, abstrato e subjetivo. A ciência passou a focar seus objetos de estudo no que poderia ser delimitado no racionalismo e no intelectualismo e o que é espiritual e religioso passou a ser sinônimo de irracional. A cultura ocidental, em especial, se tornou materialista e a espiritualidade foi posta de lado, à margem do que poderia ser concebido como real e existente. A concepção de um homem somente concreto, fruto da hereditariedade genética, manipulado por condicionamentos e pelo contexto social e movido por impulsos e desejos cristalizou a ideia do homem como uma máquina pensante desprovida de alma. A espiritualidade foi confinada nas religiões e até hoje se comete o engano de se considerar que ambas são sinônimos, mas ressalte-se que a religiosidade é apenas uma das formas de expressão da espiritualidade. Diante de tal contexto o que é espiritual passou a ser negligenciado e a espiritualidade humana recebeu o rótulo de “não existente” ou “não importante” e, assim como uma máquina, o ser humano passou a ser concebido como algo material movido por mecanismos. O existente é o que poderia ser comprovado cientificamente e o espírito que não pode ser comprovado desta forma foi através da lógica e do racionalismo tido como inexistente. Mas a espiritualidade nunca deixou de existir, ela apenas deixou de ser enxergada e hoje, ainda que timidamente, começa a ocupar um espaço que a torna visível aos olhos de pesquisadores que se sentem incomodados com as delimitações do racionalismo e intelectualismo material.

A alma é incorpórea e o que é espiritual



não há como se investigar dentro dos limites da ciência. Tais afirmações poderiam ser justificativas para se excluir a espiritualidade de qualquer campo que seja reconhecido como científico. Mas a psicologia caminha por um campo que transcende o que é estritamente científico e exemplo disto é a própria concepção da natureza psíquica do ser humano, sendo a personalidade algo não fisiológico e, portanto, tão incorpóreo como a própria alma. O que é espiritual, por certo, não caberá na delimitação do rigor científico, assim como não cabem as experiências vividas pelo homem, mas a vivência da espiritualidade pelo ser humano pode ser campo de investigação científica. A psicologia por sua etimologia e por sua própria natureza de também lidar com o que é subjetivo vem a ser a ciência adequada a lidar com o que é espiritual. Desprezar a natureza espiritual do ser humano é negar a totalidade da sua natureza e conotar “espiritual” com “não existente”.

O espírito move o ser humano, quer ele acredite ou não em sua existência, e a espiritualidade do ser humano é que faz com que esse se importe que a vida tenha um sentido que, por sua vez, faz com que ele busque o sagrado, procure amar e ser ético em sua atuação na vida para que esta seja mais do que um simples processo de sobrevivência e seja uma vivência com significado. O ser humano, mesmo sem perceber, delineia o seu livre-arbítrio e busca transcender a si mesmo devido à sua natureza espiritual. A essência que o faz ser humano e a própria manifestação humana da vida e na vida advém de seu espírito.

Na dimensão espiritual do ser humano há a busca da transcendência, há também a presença do senso ético e há as decisões

personais da vontade que fazem com que seja importante ferramenta para a psicologia já que esta dimensão espiritual acaba por influenciar a dimensão psíquica onde existem os impulsos e desejos do homem, bem como seus pensamentos e padrões de comportamento. Sem a percepção da unidade humana fica inconcebível a ideia da matéria ser espiritualizada ou do espírito ser corporalizado e assim fica a ilusão de que um homem que reza não faz tal coisa também com o corpo e também a ideia de que o homem que adoece tem apenas o seu corpo hospitalizado. O homem é, a todo o momento, essa unidade corpo-e-alma. O homem que entra no *setting* psicoterapêutico entra sendo essa unidade e não há como deixar de sê-lo.

A religiosidade vem a ser um meio para que o ser humano vivencie a sua natureza espiritual e a experiência religiosa do contato com o sagrado permite ao homem um contato profundo consigo mesmo, pois ao comungar com o sagrado estabelece um diálogo interior em que expressa suas aspirações e emoções que resulta num processo de autoconhecimento e na tentativa de alcançar e assemelhar-se ao divino acaba por transcender o mundo material que vive e a si mesmo estabelecendo, assim, um processo de auto-desenvolvimento.

A tradição hindu conceitua que o ser humano tem que conhecer a sua essência ou *Self* e no Bhagavad Gita há o diálogo entre o guerreiro Arjuna e o mestre Krishna, sendo o primeiro uma representação do ego e o segundo do *Self* e, desta forma, o hinduísmo simbolicamente expressa o propósito da psicologia junguiana do ego ser orientado pelo *Self*.

As concepções do espiritismo colocam



a faculdade de pensar originada a partir do princípio inteligente chamado alma, o que indica a associação do que é espiritual com o que é psíquico no homem. A afirmação de que o senso moral do homem também provém da sua natureza espiritual enseja a ideia de que a espiritualidade existente no ser humano é um grande fator de influência do aspecto social de sua natureza, pois as valorações, interpretações e juízos de suas relações sociais estão intimamente ligados ao seu senso moral.

O texto bíblico diz que Deus criou a matéria e o espírito e que conjugou “ambos” no homem indicando a ideia de que a unidade do ser humano compreende tanto o corpo como expressão da matéria quanto a alma como expressão do espírito. No novo testamento do cristianismo a unidade do ser humano é reafirmada pela tríade: soma como corpo, psique como mente e pneuma como espírito. Tal concepção do homem possibilita a ideia de que o homem que tem seu corpo adoecido, do homem que pensa e tem emoções e do homem que reza possa ser um indivíduo que ao adoecer foi afetado por suas emoções e pensou em rezar e fez isto para atuar em seu processo de cura e, ao mesmo tempo, conseguir paz interior para suportar a situação. Neste exemplo a fisiologia afeta o psíquico que mobiliza o espiritual que, por sua vez, pode afetar o fisiológico e também o psíquico. Essa integração dos aspectos da sua natureza indica o holismo presente no ser humano.

Na constituição da alma no misticismo judaico pode se associar o aspecto biológico à *Nefesh*, o aspecto social do homem à *Ruach*, o aspecto psíquico também à *Ruach* e à *Neshamá*, e o aspecto espiritual também à *Neshamá* e, principalmente, à *Chaiá* e *Iechidá*.

O aspecto social entrelaçado ao aspecto psíquico (*Ruach* e *Neshamá*) remete à ideia de relação do mundo externo (social) e do mundo interno (psíquico) do homem. O aspecto espiritual entrelaçado ao aspecto psíquico (*Neshamá* e *Chaiá-Iechidá*) numa relação da espiritualidade com o psiquismo em situações em que o homem tem a experiência espiritual.

O budismo diz que três são as principais características da existência humana: a temporalidade indicando que nada é permanente; o desprendimento indicando que o intelecto, as emoções e o próprio corpo do homem são também temporais; e a insatisfação que acontece em razão de uma vida que não consegue transcender o ego e que fica a mercê de suas limitações. O budismo também prega que o sofrimento está dentro do ser humano e que algo pode ser feito em relação ao sofrimento humano. Os conceitos budistas expressam ideias que podem ser traduzidas como a impossibilidade de realização pessoal através do que é externo ao ser humano, pois tudo o que faz parte do mundo externo tem fim e o término de algo que foi buscado para propiciar prazer irá gerar sofrimento e, desta forma, o círculo vicioso de busca incessante de prazer resultará sempre em frustração, além do fato de que tudo que é externo terá valor somente se o ser humano conceder valor em sua significação do que é externo em seu mundo interno. Conceitua que o desprendimento (e não a negação) do que é externo ao homem pode fazer parar de girar o círculo vicioso e que o homem possui uma natureza espiritual que transcende o psíquico e o fisiológico (que são temporais) e que a transcendência é o caminho para que ele viva além das limitações do racionalismo do ego,



pois se assim não for, sentir-se-á insatisfeito com sua existência. O budismo contempla a ideia de que o sofrimento que está dentro do ser humano, ou seja, o sofrimento psicológico é alimentado, amenizado ou finalizado por aquele que sofre. Tais conceitos remetem ao pressuposto de que a sustentação psíquica e o significado da existência advêm do mundo interior do ser humano e que, dentre todos os aspectos da natureza humana, o aspecto espiritual prevalece sobre os demais aspectos que são temporais.

O conhecimento do processo de funcionamento da condição humana pode ser definido como o “autoconhecimento”, termo tão comum e necessário à psicologia. A resistência em se perceber a espiritualidade como um aspecto da natureza humana pode ser associada à metáfora do budismo tibetano do homem que atua na vida sob o jugo dos “Três Senhores do Materialismo” que caí num funcionamento que encontra afinidade com o que é concreto e tal concretude cabe nas delimitações impostas pelo rigor científico. Em relação aos aspectos constituintes da natureza humana, o “Senhor da Forma” encontra espaço no aspecto biológico do ser humano, o “Senhor da Fala” no aspecto social e o “Senhor da Mente” no aspecto psíquico, porém, de acordo com as ideias do budismo clássico, há no homem a “natureza búdica” que promove o encontro com a sua “essência” e com seu “eu real” e não apenas com o seu “eu consciente” e aqui pode se associar a “natureza búdica” com o aspecto espiritual do ser humano e o pleno autoconhecimento só acontecerá mediante o contato com o ser humano integral.

O Sufismo, que é a parte mística do islamismo, considera o corpo como o carregador

e alma como o viajante e a ideia é de que a alma guia o homem em seu desenvolvimento interior e, assim, também no Sufismo, o aspecto espiritual se faz presente no homem como constituindo a sua natureza e fazendo com que esse venha a ter aspirações de autodesenvolvimento.

Etimologicamente pode se compreender a Psicologia como o “entendimento da alma”. Porém, situar a atuação do homem em termos que acomodem a expressão “alma” é tarefa que pode promover resistência de muitos, pois o que diz respeito à alma e, por consequência, à espiritualidade envereda por um campo que não foi explorado no meio acadêmico por aqueles que hoje atuam na psicologia, além do fato de que acomodar a espiritualidade no campo da ciência é algo que inquieta materialistas e intelectualistas. Mas a psicologia tem como objeto de estudo o homem e a sua natureza e é importante que se ressalte que este objeto de estudo abranje o homem em sua totalidade e a sua natureza compreende todos os seus aspectos, sejam eles biológicos, psíquicos, sociais e/ou “espirituais”. Por ser papel de a psicologia estudar e buscar compreender o ser humano em sua totalidade, ou seja, em “todos os seus aspectos”, a espiritualidade pode ser entendida como uma das dimensões no homem ao lado da dimensão somática e da dimensão psíquica. A não aceitação do espiritual no ser humano fará com que a psicologia considere qualquer manifestação provida da espiritualidade como devaneio ou psicopatologia e cabe à psicologia ser coerente na consideração do espiritual e do científico sem que a validade de um acarrete a nulidade do outro.

A psicologia junguiana permite pressupor que há no psiquismo humano além dos



conteúdos inconscientes e conscientes, também conteúdos que são pertinentes a uma consciência superior e tais conteúdos podem ser pressupostos ao aspecto espiritual do ser humano. Havendo uma consciência superior e que, portanto, transcenda o eu pessoal faz com que a plenitude do homem contenha mais do que impulsos oriundos do psiquismo, condicionamentos vindos do contexto em que se encontra, influências sociais e hereditariedade genética, pois tudo isso faz parte do eu pessoal e a ampliação do homem para uma esfera que transcende esse eu pessoal ensejará a ideia de que há um aspecto transcendente em sua natureza que também orienta as suas aspirações. O homem que espontaneamente procura o conhecimento e experiências de vida para se tornar mais sábio sem a pretensão de qualquer ganho material ou de *status* social; que pratica a caridade de forma anônima; que medita, seja para refletir sobre algo, seja para aproximar-se do sagrado, seja para conhecer a si mesmo ou ao buscar um sentido para sua vida está sendo movido pelo aspecto espiritual de sua natureza quer ele creia ou não em um Deus ou divindades. O fato é que o homem tem a liberdade de negar a existência de Deus, mas não consegue eliminar a *imago* de Deus que está além das limitações do ego e, por isso, não pode ser apagado com o racionalismo.

A logoterapia de Viktor E. Frankl conceitua que doenças podem se originar no aspecto espiritual da natureza humana ou dimensão noética e que os sintomas se expressarão em seu aspecto fisiológico ou psicológico e, assim, negar a existência da espiritualidade do homem faria com que se ocultasse a causa da doença que acomete o indivíduo, bem como, impediria ou dificultaria o tratamento desta

doença ao fazer com que o aspecto gerador da doença não seja cuidado e seria como cuidar de uma cefaléia negando a existência da cabeça. A psicologia necessita de uma visão ampliada ao lidar com o ser humano ou então incorrerá no erro de ter que limitar o ser humano para que esse seja espremido ou reprimido dentro das delimitações da teoria que o psicólogo seguir e a psicoterapia seria somente a situação de um enquadramento do ser humano e de sua situação dentro de uma teoria que “supostamente” contivesse toda a verdade.

Assim como a espiritualidade também a religiosidade não pode ser tratada como devaneio ou coisa não importante, afinal a religião é presente entre os homens mesmo antes da ciência e, portanto, presente no psiquismo humano de forma consciente e inconsciente há muito tempo. O contato com algo que transcenda o materialismo que é compelido o ser humano em sua vida permite que esse encontre sentido e significado para a sua existência em coisas que fazem parte de seu mundo interior e sua vida passa a contemplar algo mais do que a obtenção de coisas do mundo externo. A religiosidade pode servir como válvula de escape para a espiritualidade da natureza humana que é sufocada pelo mundo objetivo.

Apesar de a religião poder ser vivenciada de forma concreta, a relevância da religiosidade não consiste em provar a sua veracidade ou não, mas sim considerar o papel que desempenha e a influência dessa sequer necessita da experiência propriamente dita, pois só a existência da fé já influencia a vida do homem religioso e, em consequência, a religião pode tanto exercer uma influência terapêutica como também pode ser causa de conflitos psíquicos.



Há que se buscar a maneira de lidar com a fé, pois se a ciência lidar com verdades definitivas estará alicerçando as suas verdades nas mesmas bases que as religiões e o racionalismo puro e a fé cega buscam promover imposições ao ser humano. A fé pode ser entendida como movimento de energia provinda da natureza espiritual do ser humano e que se manifesta através da religião. Assim pode se conceber no homem, por exemplo, a vitalidade como um movimento do aspecto biológico, os desejos como movimentos do aspecto psíquico, a comunicação interpessoal como movimento do aspecto social e a fé como um movimento do aspecto espiritual. Assim a fé promove a religiosidade e a função da religião vem a ser a de propiciar ao homem a manifestação da sua espiritualidade. Mas a natureza espiritual humana pode ser explorada em campos que vão além do que está associado ao que é religioso, pois ao afirmar que esta natureza é pertinente ao ser humano, há que se tratar tal afirmação enxergando todos os seres humanos, desde os que seguem uma religião e creem em um Deus ou algo sagrado até aqueles que não vivem nenhuma religião e sequer acreditam num Ser ou Presença suprema. Tudo que leva o homem à transcendência do ego acaba por ser um movimento da sua espiritualidade e faz parte da natureza humana a internalização de tudo com o qual tem contato e, dessa maneira, qualquer percepção fará parte do mundo interior do ser humano, seja ela advinda do que é material, seja advinda do que é espiritual.

Assim como o pensamento denota a existência de uma realidade psicológica, a intuição denota a existência de uma realidade espiritual no homem, porque conceber

qualquer outra origem da intuição faria com que esta tivesse que ser tida como impulso, instinto ou conteúdo preexistente na memória e isto a descaracterizaria. A intuição é algo inconsciente e irracional, mas não há como enquadrá-la como sendo originada no id psicanalítico e isto leva à suposição da existência de um inconsciente espiritual, ideia que já é presente na logoterapia de Viktor E. Frankl.

A transcendência do ego é a via de mão dupla entre a mente e o espírito e a ampliação do ser humano para alguém além do fisiológico e do psíquico ao considerar que há uma dimensão espiritual e tal ampliação abre novas perspectivas para a sua existência e também para a orientação e significado de sua vida. A superficialidade das aparências que constituem o mundo externo será complementada pela profundidade da essência que constitui o mundo interno e o discernimento entre aparência e essência possibilitará ao homem contemplar a sua vida como muito mais do que um simples acumular de cotidianos e os propósitos de sua existência estarão além do processo de obtenção de coisas para satisfação de seus desejos. Tal quadro permitirá que o indivíduo leve também a sua alma ao consultório de seu psicólogo de forma autêntica, sem restrições e sem o medo de ver a manifestação de sua espiritualidade diagnosticada como uma psicopatologia.

A ciência avança e assim como houve tempo em que o planeta Terra foi considerado plano e sendo o centro de todo o universo, houve na psicologia um tempo em que o psiquismo era investigado considerando-se apenas o consciente e Freud veio a indicar um novo caminho ao proclamar a existência do inconsciente. Hoje novos passos precisam e estão sendo dados e a física quântica é um



exemplo de novos caminhos que se abrem para a ciência e na psicologia a espiritualidade é algo que pode trazer uma nova orientação, pois a expansão do homem de um “eu pessoal” para um “eu espiritual” apontará a necessidade de uma compreensão mais ampliada do homem. O inconsciente proposto por Freud será complementado pelo inconsciente espiritual proposto por Frankl e haverá espaço tanto para uma religiosidade inconsciente quanto para a busca inconsciente de Deus e então o homem encontrará no *setting* psicoterapêutico também um caminho para a busca de sua totalidade e a psicoterapia será ainda mais uma ferramenta para o autocohecimento e o autodesenvolvimento do ser humano. Ao psicólogo não caberá o papel de propagador de crença ou conversão religiosa, mas caberá o papel de compreender o seu cliente através de uma empatia plena, irrestrita e verdadeiramente transcendente, pois havendo resistências egoicas provindas de suas crenças ou descrenças se verá impossibilitado de compartilhar a condição existencial do outro. A ampliação do homem de um ser que deseja para um ser que também tem aspirações naturais e latentes de espiritualidade possibilitará significações mais elevadas da existência humana que ocasionará um novo sentido para a sua vida. A alma não será mais um assunto velado pela sua impossibilidade de ser material e a espiritualidade deixará de ser um campo minado para a ciência.

A espiritualidade deixará de ser monopólio da religião e passará a ser aspecto da natureza humana. Por analogia pode se conceber a moral como manifestação da ética, assim como a religiosidade como manifestação da fé e ambas: ética e fé, como movimentos advindos da espiritualidade ou

da natureza espiritual do ser humano. Consequentemente alguém que é ateu e, dessa maneira, não segue nenhum credo, ainda assim atende à unidade do homem como um ser biopsicossocial e espiritual.

A possibilidade de o homem poder expressar a sua espiritualidade naturalmente o aproximará de sua completude e o libertará da pressão de ter que decidir a orientação da sua vida pautada no mundo exterior, ou seja, o homem será auxiliado a buscar a sua autoridade a partir do mundo que há dentro de si e a intuição e o simbólico serão mais recorrentes não só na hora terapêutica, mas em qualquer tempo da vida do indivíduo.

A existência do homem como ser espiritual traz um novo sentido para sua vida e a permissão para que este trate a realidade espiritual de forma consciente será um caminho para que sua espiritualidade não fique reprimida no inconsciente e gerando no homem a angústia em forma de vazio existencial. A superficialidade do mundo externo que só pode chegar ao homem pela sua percepção, ou seja, através da sua aparência, passará a ser entendido como contexto e meio de expressão de seu mundo interno e a atitude de valorização da essência ao invés da aparência será capaz de preencher o vazio existencial tão comum na atualidade, pois o homem terá a possibilidade de compreender que o vazio que sente em seu mundo interno não pode ser preenchido com prazeres do mundo externo e o homem priorizará o “ser” ao invés do “ter”. Mais do que instintivo o homem será espiritual e uma nova ótica poderá ser concebida em temas como, por exemplo, o uso de drogas para fugir da realidade oferecida ao ser humano e a violência decorrente da desigual valorização do mundo externo em relação ao



mundo interno. O investimento do homem será no auxílio aos outros e em si mesmo, pois terá condições de perceber a unidade da humanidade em que todos são igualmente espirituais, apesar das desigualdades sociais e também vivenciar a sua própria unidade como ser biopsicossocial e espiritual. Temas como o amor romântico ganharão um novo entendimento, pois o amor será vivenciado como sentimento e deixará de ser uma projeção que faz com que um tenha que ser o responsável pela felicidade do outro.

A consideração da espiritualidade como um aspecto da natureza humana trará uma responsabilidade maior ao ser humano, pois ele será sempre o protagonista de sua vida e não lhe caberá mais o papel de ser apenas a vítima do mundo externo e o sentido de sua vida terá que ser buscado em seu interior e a ilusão de que coisas do mundo externo poderão dar sentido à sua vida será perdida e em uma representação simbólica o homem atuará na vida muito mais como um semeador do que como um apanhador de frutas.

Há no ser humano a necessidade de encontrar um sentido para a sua existência, seja ela latente ou expressada, e essa busca de sentido é uma aspiração espiritual. Negligenciar ou negar o aspecto espiritual do ser humano é menosprezar a origem dessa busca e, velada e conseqüentemente, dizer que essa busca é um desejo como outro qualquer ou um devaneio vindo do nada. Para o ser humano não basta sobreviver, pensar, emocionar-se e relacionar-se. Para o ser humano tudo isso tem que ter um sentido e isso é que o faz diferente de todos os outros seres do mundo em que vive. Um mineral, vegetal ou animal não se questiona sobre o sentido de sua existência, mas o homem, consciente ou

inconscientemente, questiona-se constantemente sobre isso. A espiritualidade alimenta aspirações, influencia significações e possibilita ao homem a transcendência. Negligenciar ou negar a espiritualidade como um aspecto da natureza humana é fragmentar o ser humano e dizer que ele não precisa de todas as partes para se constituir como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. De espiritualidade, de ateísmo e de psicoterapia. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Espiritualidade e Prática Clínica**. São Paulo: Thomson, 2004. p. 215-262

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. 39. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CALLUF, Emir. **Psicologia da personalidade**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1976.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. A luz da sabedoria na psicoterapia. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Espiritualidade e Prática Clínica**. São Paulo: Thomson, 2004. p. 1-37.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. Tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. São Paulo: Editora Harper & Row, 1979.

FABRY, Joseph B. **A busca do significado**. Tradução equipe da ECE. São Paulo: ECE, 1984.



FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp, Helga H. Reinhold. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

JAMES, William. Segunda Conferência: O que significa o pragmatismo? In: **Os Pensadores**: William James. 2. ed. São Paulo: Abril, 1985.

JOHNSON, Robert A. **We**: a chave da psicologia do amor romântico. Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercury, 1987.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos da psicologia analítica**. Tradução de Araceli Elman. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

JUNG, Carl Gustavo. **Psicologia e religião**. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Tradução de Guillon Ribeiro. 34. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

LEPARGNEUR, Hubert. **Consciência, corpo e mente**: psicologia e parapsicologia. Campinas: Papirus Editora, 1994.

NETTO, Porfírio Figueira de Aguiar. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Editora Livraria Nobel, 1974.

NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. **Psicologia e espiritualidade**. 3. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2003.

SENDER, Tova. **Iniciação ao judaísmo**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001.

SHARP, Daryl. **Léxico junguiano**: um manual de termos e conceitos. Tradução de Raul Milanez. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

TRUNGPA, Chögyam. **Além do materialismo espiritual**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.